



#cm
2

SEGUNDA-FEIRA

Uma janela para sonhar

Em seu **aniversário de 50 anos**, álbum que revelou **Cartola ao Brasil** ganha nova vida **em vinil** — e reafirma a **grandeza de um gênio** de nossa canção popular. Pág. 2

O álbum que consolidou uma obra verdadeiramente GENIAL

AFFONSO NUNES
E WALTER FIRMO (FOTOS)

Gênio é uma palavra que o tempo desgasta. Seu uso repetido tende a esvaziar a ideia com elogios de ocasião.

Mas no caso de Angenor de Oliveira, o Cartola, a palavra encontra seu significado original. Suas composições, de melodias sofisticadas e poesia sublime, comprovam a força deste artista nascido no seio do povo que sobreviveu a tudo — à pobreza, ao esquecimento, à invisibilidade de décadas.

Nascido no Rio de Janeiro em 1908, foi um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira em 1928 e viu suas composições serem gravadas por nomes como Carmen Miranda e Aracy de Almeida enquanto ele mesmo trabalhava como servente de pedreiro, longe de qualquer holofote.

Quando a Discos Marcus Pereira finalmente apostou nele, em 1974, Cartola tinha 66 anos e um baú de canções que o Brasil ainda não conhecia inteiramente. O disco de 1976 — lançado dois anos depois, sob produção de Juarez Barroso, e hoje reeditado em vinil pela Universal Music Brasil dentro do projeto Safra 76, relançado em vinil verde nos concida a escutar de novo — ou pela primeira vez — um disco que o tempo só fez engrandecer.

A fotografia da capa do disco de 1976 é de autoria do fotógrafo Walter Firmo, uma linda viva da fotografia brasileira. Ele clicou Cartola e Dona Zica num momento espontâneo na janela de casa sem qualquer encenação — ele de óculos escuros, ela com lenço na cabeça, os dois olhando a rua. A naturalidade dessa imagem reforça o conteúdo do álbum.

Pode-se dizer que essa imagem guarda muito da história de Cartola. Tem a quietude de quem já atravessou tudo — a glória precoce como fundador da Mangueira, o esquecimento longo, o reencontro



providencial com o jornalista Sérgio Porto no fim dos anos 1950, quando Cartola sobrevivia numa barraca de comida no morro.

A Discos Marcus Pereira não era um selo qualquer. Movida por um projeto cultural consistente, a gravadora se dedicava a registrar repertórios de alto valor histórico que o mercado ignorava como sambas, cantos regionais, músicas de tradição oral. O elenco instrumental convocado para a sessão era digno da obra de Cartola, era de se tirar o chapéu: Dino 7 Cordas (violão de sete cordas), Meira (violão de seis), Canhoto (cavaquinho) — esses vindos do primeiro álbum —, Altamiro Carrilho (flauta) e um jovem Guinga também ao violão. Juntos, eles executam arranjos de rara beleza em forma de samba, choro, samba-can-

ção e seresta. A voz de Cartola — suave, grave, contida, quase conversada — atravessa esse tecido sonora com o lugar de fala, de alguém que canta do fundo alma aquilo que viveu. Se o primeiro disco havia revelado ao grande público a existência dessa voz expressiva e singular, o álbum de 1976 revela uma segurança artística ainda maior.

O repertório do álbum é como se fosse uma antologia da obra de Cartola. Apontada por muitos como a mais bela criação de Cartola, “O Mundo é um Moinho” abre o lado A. A flauta de Altamiro Carrilho anuncia uma melodia pungente que sustenta um conselho construído sobre as marcas do sofrimento numa reflexão amarga sobre a vida.

“Minha” mantém a desilusão amorosa sob andamento mais vivo,



Cartola: a silhueta do poeta diante de rosas, essas que não falam



Cartola gravou seus discos no fim da vida, mas deixou um legado inegável para a nossa canção popular

com o trombone de Nelsinho em diálogo constante com o canto. Em “Sala de recepção”, o morro da Mangueira surge descrito com a delicadeza e a lucidez de quem conhece cada pedra do caminho — o poeta não oculta a pobreza de sua gente, mas revela sua nobreza em versos como “Habitada por gente simples e tão pobre / Que só tem o sol que a todos cobre / Como podes, mangueira, cantar?” ou “Minha mangueira essa sala de recepção / aqui se abraça o inimigo / como se fosse irmão”.

“Não Posso Viver Sem Ela”, parceria com Bide, acelera o passo sem abandonar o lamento — e o trombone de Nelsinho sublinha a oscilação entre queixa e graça enquanto o narrador chama a amada de “fingida” e “malvada” e se declara pronto a perdô-la outra vez. “Preciso Me Encontrar”, esta de Candeia, encontra em Cartola seu intérprete definitivo. “Peito Vazio”, parceria com Elton Medeiros, encontra no clarinete a forma de evocar a sauda-

de que a canção entrega.

O lado B não perde a exatidão. “Aconteceu” retoma a história de fim de amor sob a perspectiva de quem observa o arrependimento alheio e abre caminho para a sublime “As Rosas Não Falam”, uma das mais singelas declarações já escritas em forma de música — costurada pelo diálogo do violão de sete cordas com a flauta.

“Sei Chorar” faz do sofrimento condição do amar, um tema recorrente na obra de grandes sambistas. Já a dolente “Ensaboá” mistura canto de trabalho e crônica urbana com sotaque rural. A tampa do álbum fecha com uma sequência impecável: “Meu drama (Senhora tentação)”, de J. Ilarindo e Silas de Oliveira, expõe a vertigem sem freios da paixão; e “Cordas de Aço” mostra ao ouvinte toda a intimidade entre o poeta e seu violão. Entre prazeres e dissabores, Cartola fez da canção sua morada.

O peso do legado de Cartola para a música brasileira não se mede apenas pelo número de clássicos que assinou, mas por elevar o samba a um patamar de excelência poética que poucos compositores brasileiros alcançaram.

A crítica consagrou o disco, constantemente listado entre as obras-primas da MPB. Tudo embalado pela cena da capa: a janela, o casal, a rua lá fora. O relançamento em vinil devolve ao disco sua materialidade — o peso do objeto físico, a sequência pensada para cada lado do acetato. Fazê-lo girar pelas agulhas meio século depois, é como uma oração. A janela para a noz fazer sonhar continua aberta.

Fotos/Walter Firmo

CRÍTICA DISCO | THE CURUPIRA CONCERT

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos de um CD que é mais do que o registro sonoro de um trio de instrumentistas, é um documento preservacionista cultural e um poderoso propagador do ukelele, instrumento que poucos se dão conta de sua existência, tampouco de sua sonoridade diferenciada. Refiro-me a “The Curupira Concert” (lançamento digital independente) do ukelelista João Tostes, gravado ao vivo com o pianista Felipe Moreira e o baixista Diogo Fernandes num concerto realizado no Instituto Curupira de Barbacena (MG). Taí um disco que já nasce histórico.

Talvez o leitor se lembre de que eu comentei “Ukulele Harmonies Live in Niteroi” (independente), gravado por Tostes com Vinícius Vivas. À época, perguntei-lhe por que havia decidido fazer do ukelele um instrumento para chamar de seu.

Hoje, voltei a pedir que falasse sobre seu “The Curupira Concert”. Mais uma vez, Tostes não poupou palavras assertivas: “O concerto foi pensado como um show onde eu conversava com o público, falava do repertório, do cenário e do momento que estava vivendo. O registro (...) é também é um embate pessoal contra o modelo enlatado de música atual. Para tentar um pitch do Spotify, por exemplo, é necessário estar dentro de um padrão que eu não

Um álbum

imperdível



João Tostes durante apresentação do Curupira Concert



quero ser obrigado a seguir só por conta de algoritmo (...) Minha música e o resgate da cultura brasileira, insisto e persisto em continuar, não podem ser embalados como se faz com o que está nos ‘top-alguma-coisa’ de hoje em

dia. Eu quero continuar sendo autêntico da forma que sempre fui. Resolvi lançar agora porque senti que esse material não podia ficar apenas como memória privada. Ele ajuda a compreender de onde vieram escolhas estéticas

que sigo fazendo até hoje (...).
Mais claro, impossível!
Vamos em frente! A plateia, disposta a ouvir algo inusual, está pronta para ser surpreendida e se deixar enebriar. Não a vejo, claro, mas sinto que ela está atenta aos detalhes dos arranjos e, sabendo que não será convidada gritar “tira o pé do chão!” (rs), ela é toda ouvidos. Os aplausos ao final das interpretações do trio de ukelele, piano e baixo (notem que não há instrumentos percussivos) demonstram que ela, a plateia, está embevecida e agradecida pela audição do repertório e pelas falas de Tostes. A empatia é absoluta!

Assim, os arranjos para “Berimbau” (Baden e Vinícius), “Lamentos” (Pixinguinha e Vinícius), “Gaúcho (O Corta-Jaca)” (Chiquinha Gonzaga), “Brasileirinho” (Waldir Azevedo), “Asa Branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) e “O Ovo” (Hermeto Pascoal) soam renovados por soluções harmônicas e rítmicas que fogem dos padrões habituais.

Já os arranjos – quatro só de JT, um só de Felipe Moreira, outro de Felipe com JT e outro de Diogo Fernandes com JT – encontram na capacidade criativa do ukelele de João Tostes a sua pujança maior.

“The Curupira Concert”, taí um álbum imperdível! Ouça o álbum em <https://11nq.com/BXoif>.

***Vocalista do MPB4 e escritor**

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Rafael Bocanera/Divulgação

Raízes brasileiras

O produtor e guitarrista brasileiro Muca, radicado em Londres, acaba de lançar o single “Playing On The Loose Fields”, primeiro trabalho do álbum “Beleza”, produzido em parceria com Roberto Menescal, ícone da Bossa Nova. A faixa conta com a participação da cantora Anaiis. O projeto simbliza o desejo de Muca de reencontrar as raízes culturais do Brasil. Muca e Menescal escolheram a dedo 12 intérpretes de várias partes do mundo, cada uma trazendo uma voz e sensibilidade distintas para cada faixa.



Leo Aversa/Divulgação

Elegante melancolia

Os instrumentistas Hugo Pilger e Ney Fialkow lançaram nas plataformas digitais, via Biscoito Fino, o single de “Perto do Coração”, tema composto por Nelson Ayres para violoncelo e piano. “Embriagado pela beleza dessa valsa sublime, eu sonhava poder tocá-la algum dia”, lembra Fialkow, que recebeu o arranjo como presente do compositor. Indicada ao Prêmio TIM de Música em 2004, a obra é, nas palavras do pianista, “uma genuína homenagem à valsa brasileira” marcada por “elegante melancolia”.



Elisa Maciel/Divulgação

Surgiu a canção

A cantora e compositora carioca Mari Romano lança “Maluco da Retronoia”, segundo single de seu próximo álbum, batizado de “Além da Pele”. A faixa, um samba experimental nasceu de forma espontânea, como a própria artista nos conta: “Eu estava com o violão no colo e respondi gravando um áudio cantando: ‘Maluco da Retronoia...’ Quando vi, a música já existia”, conta ela. Já disponível nas plataformas de música, a faixa conta com percussão de Zero Awá, falecido em 2024, e sax tenor de Jorge Continentino.

Em meio à carreira de sucesso de seu thriller sobre o mundo laboral, que estreia dia 13 na MUBI, Park Chan-wook vai julgar os concorrentes à Palma de Ouro de 2026, em maio



Park Chan-wook nos sets de 'A Única Saída'

'A Única Saída' é presidir Cannes

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

N uma única sessão por dia no circuito carioca desta segunda até quarta-feira, no Estação NET Rio, às 18h15, "A Única Saída" ("No Other Choice"), do sul-coreano Park Chan-wook, acabou por ser esnobado na luta pelo Oscar de 2026, sem indicação alguma, mas passou triunfante pela passarela do lucro ao faturar US\$ 39 milhões, somando, na venda de ingressos, cerca de três vezes o orçamento que custou (US\$ 12,2 milhões). No próximo dia 13, esse thriller começa sua vida em streaming, com estreia na plataforma MUBI. O lançamento por lá acontece num momento de virada para o longa-metragem... e para seu diretor. No dia 26 de fevereiro, o Festival de Cannes anunciou que Chan-wook será o presidente do júri de sua 79ª edição, agendada de 12 a 23 de maio, na França, o que ampliou o interesse popular por suas criações, a se destacar seu trabalho mais recente, hoje na telona.

O site oficial do evento francês usa três palavras para classificar a obra do realizador de "visceral, subversivo e barroco", explicando que seus longas-metragens "são ousados em todos os sentidos - no roteiro, no estilo e na moralidade", sem que o "virtuoso realizador se afaste de uma



Lee Byung-hun é um executivo do ramo de papel que, desempregado, elimina seus concorrentes

mensagem social simbólica". Foi lá que ele fez sua fama, há 22 anos, ao ganhar o Grande Prêmio do Júri de 2004 por "Oldboy".

"A inventividade, o domínio visual e a propensão de Park Chan-wook para capturar os múltiplos impulsos de mulheres e homens com destinos estranhos proporcionaram ao cinema contemporâneo alguns momentos verdadeiramente memoráveis", afirmaram a presidente do Festival de Cannes, Iris Knobloch, e seu

diretor artístico, Thierry Frémaux, num comunicado à imprensa. "Estamos muito felizes por celebrar seu imenso talento e, de forma mais ampla, o cinema de um país profundamente envolvido com o questionamento do nosso tempo".

Ele é signo de sucesso de uma filmografia inquieta, hoje com muitos medalhões autorais na ativa, que fatura aos montes. Afinal, tão luminosas quanto as estatuetas conquistadas por "Parasita", entre 2019 e 2020, entre elas quatro Oscars e a Palma de Ouro de Cannes, foram as cifras comerciais que arrecadou para sua nação, a Coreia do Sul. A produção dirigida por Bonh Joon

“Ele tem uma dinâmica muito particular de ação, que sabe o que extrair de nossa condição solitária, deixando um ator como eu live para propor soluções físicas ao roteiro”

LEE BYUNG-HUN

Ho em 2019 custou US\$ 11,4 milhões e faturou US\$ 258,1 milhões. Nunca um longa coreano chegou tão longe. Por interesse em um novo faturamento desse porte mastodôntico, cada novo empreendimento autoral de pinta mais pop daquela nação é cercado de promessas messiânicas para o mercado. Do mais prolífico realizador daquela pátria, Hong Sangsoo, não se espera isso. Seu cinema intimista pipoca por tudo quanto é festival. Seu novo trabalho, "The Day She Returns", estreou na Berlinale, em fevereiro, no sapatinho, sem alarde. Apesar disso, ele não se enquadra em nenhuma das convenções conhecidas de blockbuster. O cult de Joon Ho também não, mas tem um dinamismo de ações físicas e um torvelinho de reviravoltas de roteiro que se alinha com mais precisão aos códigos do thriller. É esse também o caso de "A Única Saída", com que Chan-wook, bola da vez cinematográfica de seu país, pavimenta o legado de sua autoralidade.

"Ele tem uma dinâmica muito particular de ação, que sabe o que extrair de nossa condição solitária, deixando um ator como eu live para propor soluções físicas ao roteiro", disse o astro Lee Byung-hun ao Correio da Manhã, via Zoom, quando ele e o longa foram indicados ao Globo de Ouro.

Lançado mundialmente no Festival de Veneza, na briga pelo Leão de Ouro, "A Única Saída" (chamado "Eojjeolsuga eobsda" em sua língua nacional) é uma versão do romance "O Corte", lançado em 1997 por Donald Edwin Westlake (1933-2008), e filmado em 2005 por Costa-Gavras. Na medula do projeto de Chan-wook há um conceito da arte que se chama "heroísmo do rendimento". Foi um livro do século XIX, Germinal (1885), de Émile Zola (1840-1905), que abriu a torneira dessa dramaturgia. Ela pode ser descrita por ser uma linhagem sociológica de narrativas em que a jornada dos protagonistas se constrói a partir de estratégias de sobrevivência econômica. Cabem aí de Chaplin a Plínio Marcos, passando por Rocky Balboa, com amplo espaço para as personagens de Ken Loach e do próprio Costa-Gavras. Não é rara a associação deste procedimento temático às cartilhas marxistas de luta de classes e aos engenhos teóricos funcionalistas, nos quais a sociedade é vista em analogia com organismos biológicos. Nessa toada, há lugar também para os aportes do naturalismo — uma corrente anfíbia entre a arte e as ciências sociais — que representa territórios como se fossem as entranhas dos corpos, com as suas escatologias e dinâmicas de excreção. É nesse naturalismo que uma parte nobre do cinema sul-coreano se instalou desde os anos 2000.

Enervante (e irregular), "A Única Saída" se filia à genealogia do rendimento ao seguir os passos do desempregado Man-su (Lee Byung-hun, num registro que evoca Buster Keaton). Especialista em fabrico de papel, ele tomba ao inferno depois de perder o emprego. Sem chance de obter um trabalho, passa a eliminar seus concorrentes. Sua saga se constrói na fotografia de Kim Woo-hyung com planos que distorcem a aparência de harmonia do real, mergulhando o espectador numa vertigem visual.

"Tenho uma relação muito forte com a palavra, pela literatura e, talvez, ela seja a responsável pelos trilhos narrativos que eu tento oferecer ao cinema: a trilha da imaginação, que se liberta nos livros, mas pode também nos libertar pela imagem", disse Chan-wook ao Correio da Manhã, na Croisette, quando foi laureado com o prêmio de Melhor Direção por "Decisão de Partir", em 2022.

Recentemente, ele trabalhou com o diretor paulista Fernando Meirelles (de "Cidade de Deus") na minissérie da HBO MAX "O Simpatizante" (2024), com Robert Downey Jr.



Acervo Regina Filmes

'Como Era Gostoso o Meu Francês', a ciranda antropológica de Nelson Pereira dos Santos tem sessão nesta segunda no Estação

Como é gostoso o 'Classiquíssimos' do Estação

Sessão tradicional da Voluntários da Pátria 88 exhibe nesta segunda o cult lançado por Nelson Pereira dos Santos em 1971, eleito um pilar da década de 1970 em enquete da crítica gringa



Divulgação

Nelson Pereira dos Santos no set de filmagens de 'Como Era Gostoso o Meu Francês'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois de desafiar as veredas do suspense de Brian De Palma, ao projetar "O Pagamento Final" (1993) na semana passada, o Grupo Estação marca um gol de brasilidade, de eco internacional, ao dedicar a exibição desta noite de sua tradição sessão "Classiquíssimos", das segundas-feiras, ao craque da autoralidade brasileira Nelson Pereira dos Santos (1928-2018). Encontram-se pérolas dele na Netflix ("Rio, 40 Graus" e "Vidas Secas"), na TV Brasil ("A Luz

do Tom"), na Globoplay ("Memórias do Cárcere"). Mas não é todo dia que se pode ver em tela grande o marco "Como Era Gostoso O Meu Francês" (1971), que o complexo da Voluntário da Pátria 88 vai exhibir esta noite, às 21h. Em agosto, a produção ganhou uma aliada no exterior: a revista "IndieWire".

Ao fazer uma enquete, com representantes da crítica internacional, acerca dos cem melhores filmes feitos na década de 1970, no mundo todo, a publicação escalou essa sátira de NPS sobre o jugo colonial. Ela acabou sendo a única representante do Brasil. O topo do pódio, em primeiro, ficou com "All That Jazz – O Show Tem Que Continuar"

“No plano em que a minha personagem vai comer o francês, para a minha expressão de prazer soar realista, o Nelson me deu um belo dum chocolate pra comer, simulando que era o estrangeiro”

ANA MARIA MAGALHÃES

(1979), que deu a Palma de Ouro a Bob Fosse (1927-1987). O longa de Nelson ficou em 47º lugar.

“Do título até o final, 'Como Era Gostoso O Meu Francês' está inflexivelmente — e alegremen-

te — enraizado na perspectiva dos Tupinambás, cuja compreensão do mundo não foi contaminada pela hegemonia dos invasores europeus”, escreveu o crítico David Ehrlich, um dos votantes, em www.indiewi-

re.com/lists/best-70s-movies. “Esse ponto de vista ‘ahistórico’ acabará por levar ao seu extermínio, mas não antes de Pereira dos Santos conseguir reverter os preconceitos consagrados pelo tempo do cinema ocidental e criar uma história que se identifica com os conquistados a todo custo. Ao fazê-lo, ele oferece uma lembrança mordaz e sarcástica de que a história é mais fácil de engolir do que de digerir”.

Livremente baseado nas vivências de Hans Staden (que era alemão e sobreviveu para contar sua história), “Como Era Gostoso O Meu Francês” rendeu a Nelson uma indicação ao Urso de Ouro da Berlinale. Sua narrativa nos leva ao Brasil de 1594, onde um aventureiro francês com conhecimentos de artilharia (papel de Arduíno Colassanti) é feito prisioneiro dos Tupinambás. Segundo supostos ritos indígenas de então, era preciso devorar o inimigo para adquirir os seus poderes: saber utilizar a pólvora e os canhões. Enquanto essa hipótese gastronômica não vira realidade, o europeu vive um romance com uma jovem, Seboipepe (Ana Maria Magalhães).

“No plano em que a minha personagem vai comer o francês, para a minha expressão de prazer soar realista, o Nelson me deu um belo dum chocolate pra comer, simulando que era o estrangeiro”, contou Ana Maria ao Correio, quando a IndieWire postou seu Top 100, divulgando uma foto sua ilustrando a escolha do longa de Nelson.

Assistente de direção dessas filmagens, Luiz Carlos Lacerda, o Bigode, teve Nelson como seu mestre e explica que “Como Era Gostoso...”, num certo sentido, era uma adesão à cultura antropofágica, como ensinou o manifesto modernista de 1922.

“Já disseram que se respirava uma atmosfera anterior ao pecado original no set de 'Como Era Gostoso...', e é verdade, em parte porque, depois dele, em nosso cinema, nenhuma nudez será castigada. Diante do exercício da liberdade do elenco e dos muitos figurantes ao passarem o dia despidos e trabalhando, uma parte da equipe técnica também preferiu aderir. Claro que eu fui um deles”, inflama Bigode. “Essa foi uma das experiências que mais nos marcaram do ponto de vista moral e social: a convivência no estado natural do homem, como era na tribo tupinambá do século XVI”.

Segundo os herdeiros de Nelson, “Como Era Gostoso o Meu Francês” contabilizou cerca de um milhão de espectadores. Chegou a ser proibido, mas, depois, foi liberado, com cortes, recomendado até para a colônia de férias do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

Em 2023, o diretor de “Como Era Gostoso o Meu Francês” ganhou um documentário de Ivelise Ferreira e Aída Marques, chamado “Nelson Pereira dos Santos – Vida de Cinema” que estreou na seção Classics de Cannes. É possível prestigiar essa joia em streaming, na Prime Video.

Blueberry em marcha

A editora Pipoca & Nanquim traz ao Brasil coletânea comemorativa de 60 anos do herói torto do Velho Oeste criado por Charlier e Giraud, com historietas de bambas da arte gráfica atual

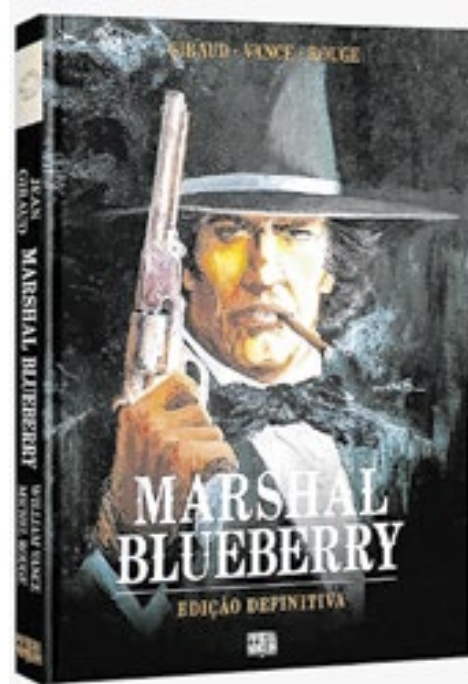
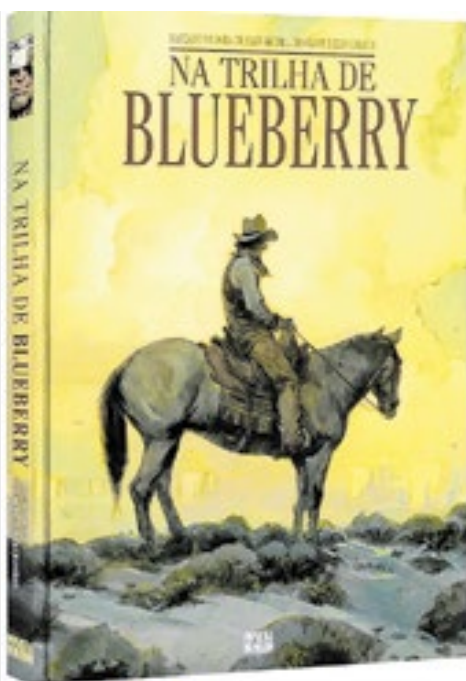
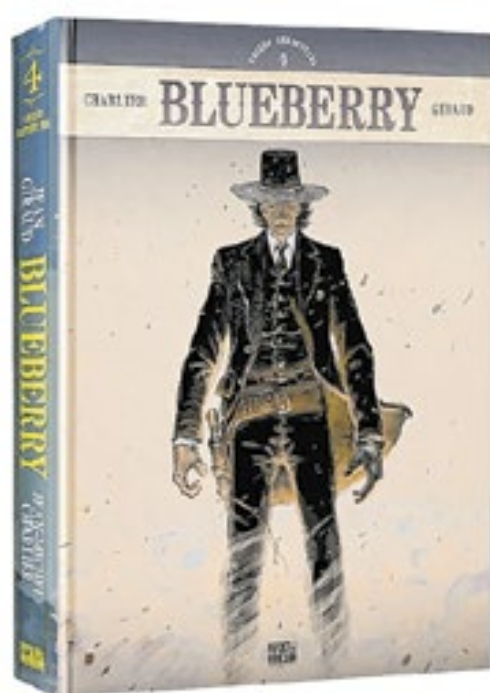
RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tenente Blueberry está de casa nova entre nós, de álbum novo, comemorando suas seis décadas de revolução do filão banguê-banguê nas HQs. No alvorecer da década de 1990, quando esse oficial abusado cavalgou pelo Brasil, importado de sua França natal pela Ed. Abril, em revistas no mesmo formato do best-seller “A Espada Selvagem de Conan” (21 cm x 27cm), a sensação dos leitores de então era ter “Meu Ódio Será Sua Herança” (1969), de Sam Peckinpah (1925-1984) – ou qualquer outro marco do western moderno – nas mãos. Parecia um filme em papel. Com semblante similar ao do astro Jean-Paul Belmondo (1933-2021), Michel Steven Donovan (ou só Mike Blueberry), o protagonista do quadrinho, era um oficial sem uma gota de disciplina que, mais adiante vira um ás do cartado e, depois, delegado, sem perder a mira jamais.

Acostumado ao bom-mocismo digno de paladino dos italianos “Tex” e “Zagor”, da Sergio Bonelli Editore, o público nacional afeito ao faroeste encontrou ali um universo sujo, de um heroísmo torto e suarento, que só o politicamente poético das HQs francesas, as BDs (Bande Dessinées), sabem fazer. O gatilho infalível do roteirista Jean-Michel Charlier (1924-1989) inflamava tramas de cunho geopolítico (com foco no combate ao racismo e no desbravamento de uma nação), com palavras em erupção, que o deus do traço Jean Giraud (1938-2012), mais conhecido como Moebius, desenhava com realismo digno de um “Rastro de Ódio” (1956). A experiência gráfica que se tinha na época – isso depois de o personagem já ter passado por aqui via importações da Ed. Meribérica, de Portugal – se faz repetir agora com o delicado trabalho editorial da Pipoca & Nanquim num resgate de Mike Blueberry em meio à celebração dos 60 anos de seu primeiro álbum.

É de salivar o anúncio que o site oficial da editora brasileira faz de “Na Trilha de Blueberry”, um almanaque comemorativo com 127 páginas coloridas. Em meio a um vasto time de 34 artistas (entre roteiristas, desenhistas e coloristas), composto por veteranos e novatos, a coletânea traz nomes como Enrico Marini (“Batman: O Príncipe Encantado das Trevas”), Correntin Rouge (“Rio”), Fred Duval (“Ninfeias Negras”), Matz (“O Desaparecimento de Josef Mengele”), Vincent Brugeas (“Republic of the Skull”), Ronan Toulhoat (“Conan, o Cimério”), Paul Gastine (“O Úl-



Tramas de Charlier e Giraud para o personagem parecem um filme de Sam Peckinpah

timo Homem”) e Mathieu Mariolle (“Blue Note: Os Últimos Dias da Lei Seca”). Os estilos de desenho são dos mais variados, mas os perigos do Oeste seguem iguais.

“Blueberry não é apenas um dos melhores faroeste em quadrinhos de todos os tempos, mas pura e simplesmente um dos melhores quadrinhos de todos os tempos, independente do gênero, país ou época em que foi publicado”, diz Alexandre Callari, um dos sócios-fundadores da Pipoca & Nanquim. “Ser a editora que conseguiu trazer a obra completa para o Brasil pela primeira vez, mais de seis décadas após o lançamento original, enche-nos

de orgulho. É uma contribuição inestimável para o nosso mercado editorial”.

Charlier e Giraud introduziram Blueberry à massa leitora europeia em 1963, só que de forma serializada, ocupando páginas da revista “Pilote”. Em 1965, veio a publicação do primeiro álbum completo da saga, “Forte Navajo”. A fim de festejar suas seis décadas no Velho Mundo, a editora Dargaud resolveu oferecer a alguns dos bambas doas quadrinhos supracitados — que cresceram acompanhando a longa jornada do irrefreável tenente rebelde — a chance de dar uma contribuição pessoal à sua história, desenvolvendo (com total autonomia) suas próprias narrativas curtas estreladas pelo bravíssimo Mike.

Além de 14 releituras, “Na Trilha de Blueberry” ainda traz as declarações emocionadas dos autores sobre sua relação íntima com o personagem, com prefácio assinado pelos editores originais e uma galeria com ilustrações exclusivas de mestres como Milo Manara, Blutch e Ralph Meyer. Hoje em pré-venda no <https://pipocaenanquim.com.br/>, esse tijolo ilustrado está à venda por R\$ 76,93. Dele, a editora lançou ainda “Marshall Blueberry”, compilando uma minissérie de por Jean Giraud, William Vance e Michel Rouge. Tem mais uns quatro álbuns da saga “Blueberry - Edição Definitiva”.

Em 2020, a HQeria publicou aqui o álbum “Blueberry: Amargura Apache”, de Christophe Blain e Joann Sfar. Não é fácil de comprar, mas algumas livrarias ainda têm.

Duro mesmo é encontrar a versão para o cinema do tenente, rodada por Jan Kounen em 2004, com Vincent Cassel no papel central, tendo Ernest Borgnine (1917-2012), Juliette Lewis e Michael Madsen (1957-2025) no elenco.

Divulgação



Famosa por sua passagem pelo extinto O Navegador, Teresa Corção leva sus conceitos culinários para o Sesc Bistrô Flamengo

A chef da memória

Com a mesma filosofia do saudoso O Navegador, Teresa Corção assume a curadoria do Bistrô Sesc Flamengo

AFFONSO NUNES

Uma das vozes mais respeitadas da cozinha brasileira contemporânea, Teresa Corção acaba de assumir a curadoria do charmoso Bistrô Sesc Flamengo.

Com trajetória marcada pelos princípios da ecogastronomia — que articulam sabor, memória cultural, sustentabilidade e responsabilidade social —, a chef comanda uma virada gradual no cardápio, prevista para estar completa em maio. O bistrô funciona em uma mansão tombada de 1912, na Rua



Divulgação

Marquês de Abrantes. O imóvel foi a residência de Frederico Figner, pioneiro da indústria fonográfica no Brasil e fundador da Odeon, a primeira gravadora do país. A transição liderada por Teresa respeita o trabalho do chef francês Frédéric Monier, que esteve à frente da cozinha desde a abertura do bistrô, em 2022. O novo menu está sendo construído em diálogo com o chef André Castro, responsável pela operação da cozinha. “Gosto de pensar a cozinha como um time, em que cada pessoa tem um papel fundamental e o resultado só acontece quando há sintonia. A criação começa an-

tes do fogão, começa na cabeça, na memória de sabores que cada cozinheiro carrega, do que eles gostam de cozinhar. É uma cozinha de troca, de escuta e de construção coletiva”, diz Teresa ao Correio da Manhã. A memória move o projeto. O novo cardápio carrega ecos d’O Navegador, restaurante que a chef comandou de 1981 até 2020, quando fechou em razão da pandemia. “O que vai ter do Navegador nesse cardápio é o meu olhar sobre a comida brasileira e também sobre outras memórias. Eu trabalho muito com memórias e inovações”, explica a chef, que faz questão de não só usar ingredientes brasileiros como criar comida brasileira, com a técnica brasileira. Um exemplo concreto, conta a chef, é o cozido previsto para os sábados. “Como o da minha família, que tinha sempre um milho, uma banana-da-terra para contrabalancear com os salgados, um pirão muito gostoso e espesso, uma pimenta feita em casa. Essa foi uma das inovações que trouxe ao Navegador — a minha comida familiar.” A sensação que Teresa pretende provocar no Flamengo é a mesma descrita num texto que abria o cardápio do antigo restaurante: “O paladar às vezes quer aventura para lugares exóticos, ou quer voltar para casa.” E é essa viagem reconfortante ao aconchego do lar que ela quer nos oferecer.

SERVIÇO
BISTRÔ SESC FLAMENGO
Rua Marquês de Abrantes, 99
Segundas e terças (12h às 19h) | quarta a sábado (12h às 21h)
Reservas: WhatsApp (21) 98566-4903 ou (21) 3138-1351

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Tomás Vélez/Divulgação

Pizza da Barra a Niterói

Pelo sucesso absoluto junto ao público carioca, a Oggi Pizza Napoletana acaba de dar mais um passo importante na sua trajetória de crescimento e inaugura duas novas casas: na Barra da Tijuca e em Niterói. A expansão reforça o propósito da marca de levar a cada vez mais cariocas e fluminenses a autêntica pizza napoletana, preparada com rigor técnico, ingredientes de excelência e aquele cuidado artesanal que já virou assinatura da Oggi. As novas unidades mantêm o DNA italiano da marca, ampliando a experiência gastronômica.



Divulgação

Cerveja verde

O Rock 80 Festival prepara sua edição especial de St. Patrick’s 2026 para celebrar uma das festas mais tradicionais da cultura irlandesa em três edições especiais, realizadas em três finais de semana e em diferentes bairros do Rio. A programação iniciado no último fim de semana, no Aterro do Flamengo, segue nos dias 14 e 15 na Quinta da Boa Vista e encerra nos dias 28 e 29 de março, na Urca. Em cada etapa, o público poderá mergulhar no clima do St. Patrick’s Day com cervejas artesanais, na cor verde e produzidas especialmente para o evento.



Divulgação

Novidade na Barra

A cidade acaba de ganhar um novo espaço à beira-mar: o Origens Beach Lounge by Radisson, que chega à praia da Barra da Tijuca. O quiosque é uma extensão do Restaurante Origens, do Hotel Radisson. O lounge surge como o cenário ideal para aproveitar o melhor da Cidade Maravilhosa em dias de verão, com atendimento de excelência e um cardápio assinado pelo mesmo chef do Origens, o uruguaio Bruno Verri. O cardápio é versátil, com opções de café da manhã, petiscos, sanduíches e grelhados.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Deu pano
para as
mangas

Semana passada comentei sobre expressões que usualmente utilizamos, sem mesmo sabermos o seu significado original e de onde vieram, assim como o título desta fotocrônica. Pois bem; a expressão ‘pano para mangas’ tem origem em Portugal do século 16 quando, na alfaiataria se usava demasiadamente tecido para confeccionar as mangas bufantes e pomposas dos nobres, daí, quando algo rende muito usa-se esse aforismo.

Ando ‘queimando as pestanas’ para descobrir a origem e o significado de todas as expressões. Mas, o que isso quer dizer? De onde vem essa possibilidade de, ao estudarmos, sairmos com os cílios chamuscados? Antes de Benjamin Franklin e Thomas Alva Edison trazerem seus inventos maravilhosos ao planeta, eram necessárias velas ou lamparinas para se estudar à noite. Ambas emitem luminosidade baixa o que obrigava aos estudantes aproximá-las tanto do cartapácio quanto das pestanas. Num momento de descuido as ditas cujas saíam chamuscadas. Bons estudantes à época “queimavam as pestanas”, hoje queimam incensos...

De uma discussão acalorada entre um oftalmologista e um odontólogo terá saído esta expressão: “olho por olho, dente por dente”? Nesse caso é óbvio que não. Se trata do ‘Código de Hamurabi’, conjunto de leis criadas pelo rei com o mesmo nome, no século XVIII a.C., na Mesopotâmia, fundamentado na Lei de Talião. A lei prevê penas, ao réu, com mesmo teor que o crime por ele praticado. Se baseia no “olho por olho, dente por dente” ou seja; tudo igual para ambas as partes. Uma delas determinava: “se alguém enganar a outrem, difamando esta pessoa, e este outrem não puder provar, então aquele que enganou deverá ser condenado à morte”. Hoje em dia ia faltar verdugo. Por outro lado, tinha cunho justo, já que não havia seguros para as safras...: “se alguém tiver um débito de empréstimo e uma tempestade prostrar os grãos ou a colheita for ruim, ou os grãos não crescerem por falta d’água, naquele ano a pessoa não precisa dar ao seu credor dinheiro algum. Ele deve lavar sua tábua de débito na água e não pagar aluguel naquele ano”.

Hamurabi ‘não deixava barato’, mas ai rende outra fotocrônica...

